

**ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DOS SETORES
AGROINDUSTRIAS DAS EMPRESAS DOS PRINCIPAIS PAÍSES
PRODUTORES AGRÍCOLAS POR MEIO DA RESOURCE-
ADVANTAGE THEORY**

ROSEMAR JOSÉ HALL

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD)
rosemarhall@ufgd.edu.br

NELSON HEIN

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU (FURB)
hein@furb.br

Introdução

A competitividade agroindustrial de acordo com Van Duren, Martin e Westgren (1991) se intensificou no cenário internacional na década de 1990 e se estabeleceu no topo da agenda política de diversos países devido a sua importância econômica.

Para Dominic e Theuvsen (2015) o setor agroindustrial em todo o mundo enfrenta os efeitos da globalização dos mercados, a industrialização agrícola, e a liberalização do comércio.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Problema de pesquisa: Qual o nível de competitividade das empresas agroindustriais dos principais países produtores agrícolas em seus setores de acordo com a R-A Theory?

O objetivo é analisar o nível da competitividade das empresas agroindustriais dos principais países produtores agrícolas em seus diferentes setores de atuação por meio da R-A Theory.

Fundamentação Teórica

A VISÃO COMPETITIVA ESTABELECIDADA NA R-A THEORY

A competição entre as organizações é explicada pela R-A Theory considerando que uma vez que a vantagem comparativa em recurso de uma empresa lhe permite atingir um desempenho superior pela posição de vantagem competitiva em algum segmento de mercado ou segmentos, os concorrentes tentam neutralizar e/ou ultrapassar a empresa favorecidas, via aquisição, imitação, substituição ou grande inovação (HUNT; MORGAN, 1995, 1996).

Metodologia

Pesquisa é caracterizada como sendo descritiva, documental e quantitativa. Foi realizado um estudo em 406 empresas de 6 países produtores agrícolas, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Rússia e Estado Unidos da América. Utilizou-se a análise multicritério para tomada de decisão por meio do modelo TOPSIS. Os dados coletados correspondem a variáveis contábeis nos anos de 2009 a 2013. A população da pesquisa compreendeu todas as empresas listadas na base de dados Thomson ONE Banker

Análise dos Resultados

Em todos os setores e países avaliados, observou-se que a competição é dinâmica, como descrito pela R-A Theory e desequilibrante, em que o desempenho é heterogêneo e pode ocorrer de forma diferente de um setor para outro. O nível de competição entre as empresas estudadas é dinâmico e desequilibrante, pois as empresas modificam suas posições competitivas de ano para outro e de um setor para outro de atuação. Que os recursos são heterogêneos, assim como o desempenho econômico.

Conclusão

Observou-se pelos resultados por setores e país que a competição é dinâmica, pois há uma alternância nas posições ano a ano, e desequilibrante, pois empresas que em um ano estão em uma posição no ano seguinte podem estar em outra posição, como descrito pela R-A Theory (HUNT E MORGAN, 1995, 1996). As empresas não conseguem manter o desempenho de um ano para o outro, pois suas concorrentes, melhoram as estratégias e a gestão de recursos e assim melhoram seus desempenhos.

Referências Bibliográficas

- BARNEY, J. B. Organizational culture: can it be a source of sustained competitive advantage? *The Academy of Management Review*. v. 11, n. 3, p. 656-665, 1986.
- HUNT, S. D.; MORGAN, R. M. The resource-advantage theory of competition: dynamics, path dependencies, and evolutionary dimensions. *Journal of Marketing*, v. 60, n. 4, p. 107-114, october 1996.
- HUNT, S. D.; MORGAN, R. M. The comparative advantage theory of competition. *Journal of Marketing*, v. 59, n. 2, p. 1-14, april 1995.

ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DOS SETORES AGROINDUSTRIAIS DAS EMPRESAS DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES AGRÍCOLAS POR MEIO DA *RESOURCE-ADVANTAGE THEORY*

1 INTRODUÇÃO

A competitividade agroindustrial de acordo com Van Duren, Martin e Westgren (1991) se intensificou no cenário internacional na década de 1990 e se estabeleceu no topo da agenda política de diversos países devido a sua importância econômica. Para Dominic e Theuvsen (2015) o setor agroindustrial em todo o mundo enfrenta os efeitos da globalização dos mercados, a industrialização agrícola, e a liberalização do comércio. Para os autores, a força produtiva do agroindustrial vai experimentar mudanças rápidas e fundamentais nas próximas décadas, o que irá superar a mudança que já ocorreu nos últimos 50 anos. As previsões feitas em 2013 pela empresa de análise de mercado *Lucintel Publisher Sample* são que os produtos alimentares agroindustriais deverão chegar a uma comercialização mundial de aproximadamente US\$ 1.148,3 bilhões em 2018, com um elevado crescimento ao longo dos próximos cinco anos (LUCINTEL, 2013).

A competitividade das organizações tem sido convencionalmente avaliada, tanto em nível regional como de setores (VOULGARIS; LEMONAKIS, 2014). Devido às recentes tendências globais na produção e consumo de alimentos, a competitividade agroindustrial se tornou um tema de muito interesse tanto na imprensa popular quanto na literatura acadêmica (KENNEDY et al., 1997).

Nesse cenário, medir a competitividade das empresas do agroindustrial passa a ser preponderante, o que para Barney e Hesterly (2010) pode ser feito por meio dos dados contábeis de uma empresa, que são uma forma prática para mensurar o processo competitivo, por meio de um sistema de mensuração do desempenho, baseando-se em indicadores econômicos e financeiros, avaliando os recursos investidos e os resultados obtidos. Segundo Neely (1998) a mensuração de desempenho é o processo de quantificar a eficiência e a efetividade de ações ocorridas nas organizações, por meio de aquisição, coleta, classificação, análise, interpretação e disseminação dos dados apropriados.

De acordo com Chandrasekhar (2013), para entender o processo competitivo é necessária uma visão interdisciplinar, o que fez com que ele avaliasse estudos de uma diversidade de literaturas como economia, marketing, tecnologia e gestão estratégica para encontrar uma perspectiva que proporcionasse uma visão diferente e ampliada da competitividade da empresa. Esses aspectos da competitividade foram apresentados por Hunt e Morgan (1995) no desenvolvimento da *Resource-Advantage Theory (R-A Theory)* que buscou em diversas áreas do conhecimento, o debate sobre a concorrência entre as organizações. O modelo da *R-A Theory* propõe que a competição é uma constante disputa entre firmas pela obtenção de vantagens comparativas em recursos que propiciarão uma posição de vantagem competitiva no mercado e, conseqüentemente, desempenho financeiro superior (HUNT, 2000).

Nesse sentido, o estudo pretende responder a seguinte questão problema: **Qual o nível de competitividade das empresas agroindustriais dos principais países produtores agrícolas em seus setores de acordo com a *R-A Theory*?**

O objetivo do estudo é analisar o nível da competitividade das empresas agroindustriais dos principais países produtores agrícolas em seus diferentes setores de atuação por meio da *R-A Theory*.

O Estudo se justifica, considerando que o segmento agroindustrial está inserido em um contexto de competitividade internacional sendo impactado pelos fatores internos à indústria, internos à firma e em relação às instituições sociais. Ambiente esse competitivo e dinâmico o

que é o amplamente debatido por Hunt e Morgan (1995) e nos seus estudos posteriores Hunt e Morgan (1996, 1997). Desta forma é importante descobrir o comportamento do desempenho das empresas agroindustriais inseridas em um processo de competição dinâmica.

De acordo com o relatório de análise da tendência mundial da produção e lucratividade da indústria de alimento, o setor agroindustrial ampliará a sua importância econômica mundial para o período de 2013 a 2018 (LUCINTEL, 2013). Países como o Brasil, Argentina, Canadá, Austrália e Rússia devem aumentar cada vez mais seus mercados agrícolas e a sua produção, além dos Estados Unidos que é o principal produtor e exportador agroindustrial mundial e deve manter-se assim nos próximos anos (USDA, 2012). Além disso, a *R-A Theory* de acordo com Rossi e Mafud (2014), após a divulgação da teoria para a comunidade acadêmica por Hunt e Morgan (1995), houveram diversos debates em relação ao modelo proposto. Entretanto, segundo Rossi e Mafud (2014), apesar de uma ampla discussão sobre a *R-A Theory* na literatura internacional, no Brasil ela ainda não foi amplamente divulgada. Até agosto de 2013, somente 28 publicações em periódicos com pontuação igual ou superior a classificação “qualis B2”, tiveram citações diretas à *R-A Theory* (ROSSI; MAFUD, 2014).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A VISÃO COMPETITIVA ESTABELECIDADA NA *R-A THEORY*

A competitividade das empresas é um tema amplamente discutido em pesquisas acadêmicas. Duas escolas se destacaram na avaliação da concorrência, uma da área econômica, também conhecida como escola da economia neoclássica e a outra relacionada à área de gestão estratégica (THORNE, 2005). No campo de estudo da gestão estratégica, duas propostas foram desenvolvidas para avaliar o motivo que uma empresa tem melhor desempenho que outra (CLEGG; HARDY; NORD, 2004).

A primeira abordagem à competição entre as empresas foi desenvolvida com a fundamentação da Teoria da Organização Industrial (PORTER, 1980, 1985) que se baseou na teoria da Estrutura-Condução-Desempenho desenvolvida por Mason (1939) e Bain (1956). Nesta abordagem as empresas são avaliadas dentro da indústria que operam e a competitividade é avaliada de acordo com os fatores externos que impactam no desempenho das empresas, por meio do conhecido “diamante de cinco pontas” de Porter (1980).

A segunda abordagem avalia a capacidade competitiva das empresas por meio de fatores internos e foi desenvolvida por Wernerfelt (1984), inicialmente denominada *Resource Based View*, que tem como premissa que os recursos (tangíveis e intangíveis) internos das empresas determinam a competição entre as organizações.

Hunt e Morgan (1995) apresentam uma terceira abordagem teórica que propõe a avaliação da competição das empresas por meio de seus recursos, mas também considerando que os fatores externos impactam as organizações. Além das duas abordagens descritas anteriores, a *R-A Theory* proposta por Hunt e Morgan (1995) e aprimorada em Hunt e Morgan (1996, 1997), os autores buscam ampliar o processo de avaliação da competição proposta pela escola econômica, para os autores a teoria da concorrência perfeita, descrita pela economia, não apresenta todas as nuances da competição entre as organizações e desta forma buscam auxílio de outras abordagens teóricas, de forma interdisciplinar, incluindo áreas como: economia, marketing, sociologia e gestão estratégica, com a proposta de formulação de uma teoria geral da competição.

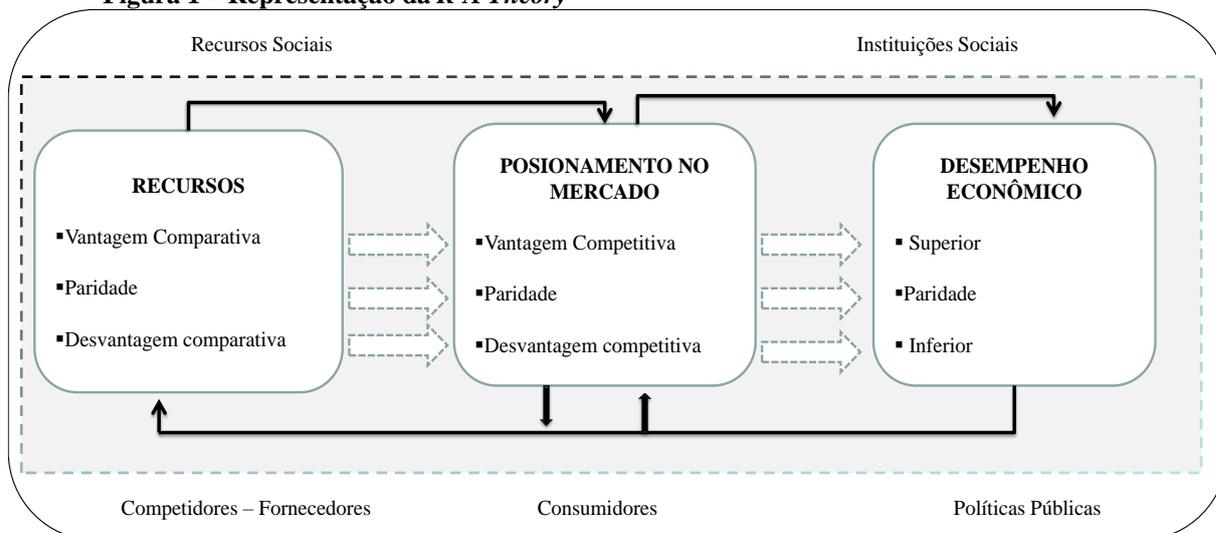
De acordo com Hunt (2001) a *R-A Theory* fornece uma estrutura para investigar os diferentes entendimentos sobre o desempenho econômico, entre as diferentes culturas e as consequências desses diferentes entendimentos sobre as empresas, indústrias, a produtividade, o crescimento econômico e bem-estar social.

O ponto a ser enfatizado é que *R-A Theory* reconhece que diferentes empresas e indústrias, em diferentes sociedades, podem empregar diferentes indicadores e referências ao desempenho econômico. Portanto, a teoria fornece uma estrutura para responder as perguntas de “que indicadores?” e “que referenciais?” fazem sentido para avaliar o Desempenho Econômico das organizações e assim a *R-A Theory* oferece uma base teórica consistente para o desenvolvimento de pesquisa empírica sobre o desempenho econômico superior e o processo de concorrência (HUNT, 2001).

A competição entre as organizações é explicada pela *R-A Theory* considerando que uma vez que a vantagem comparativa em recurso de uma empresa lhe permite atingir um desempenho superior pela posição de vantagem competitiva em algum segmento de mercado ou segmentos, os concorrentes tentam neutralizar e/ou ultrapassar a empresa favorecidas, via aquisição, imitação, substituição ou grande inovação.

Assim, explicam Hunt e Morgan (1995, 1996), a competição gera o desequilíbrio, devido ao processo dinâmico da competição que consiste na constante disputa entre as firmas por uma vantagem comparativa em recursos, que irá gerar uma posição de vantagem competitiva no mercado levando a um desempenho econômico superior. Os autores afirmam, ainda, que o desempenho gerado leva a um aprendizado, com a experiência competitiva por meio do *feedback* gerado pelo desempenho econômico, e, este sinaliza a posição de mercado da firma que, por sua vez, sinaliza os recursos relativos. A Figura 1 demonstra graficamente a dinâmica da *R-A Theory*.

Figura 1 – Representação da R-A Theory



Fonte: Adaptado de Hunt e Morgan (1996).

De acordo com a Figura 1, uma vantagem comparativa em recursos ou desvantagem pode-se traduzir em uma posição de vantagem competitiva no mercado ou desvantagem, e a consequência é o desempenho econômico superior ou inferior. Ou seja, vantagens comparativas levam a vantagem competitiva que ocasiona o desempenho econômico superior, por outro lado, desvantagem comparativa leva a desvantagem competitiva e desempenho econômico inferior. Para Hunt e Morgan (1995, 1996), a obtenção de uma posição de vantagem competitiva das firmas ocorre quando essas possuem uma quantidade de recursos que possibilita a oferta ao mercado de (a) valor superior percebido e/ou (b) produzida com custos mais baixos. As variáveis externas (políticas públicas, os consumidores, fornecedores e concorrentes, recursos da sociedade e instituições sociais) influenciam a disputa por vantagem competitiva.

2.2 DINÂMICA DA COMPETIÇÃO AGROINDUSTRIAL

Medir a competição entre as organizações de um setor é necessário para poder comparar como uma empresa se situa nesse mercado. E, em se tratando de um país, observar as vantagens competitiva e o quanto esse é competitivo em relação a outros, podem definir estratégias de investimentos nesses países. De acordo Kennedy et al. (1997) Apesar da ênfase colocada na avaliação da competitividade de empresas agroindustriais, o termo "Competitividade" não foi claramente definido e não há um consenso, o que faz com que muitos estudos sejam elaborados sobre o tema com abordagens diferentes. Para Thorne (2005) a competitividade entre as organizações é medida, ou por uma abordagem em fatores internos as empresas, ou em fatores externos, que por meio de uma abordagem econômica, muitas vezes utilizam da premissa do *Ceteris paribus* e assim isolam uma variável para comparar com outras.

Contudo, esses procedimentos não levam em conta a dinâmica da competição em que as empresas podem mudar de estratégias e assim competirem de forma diferente, o que é tratado por Hunt e Morgan (1995, 1996, 1997), os mesmos, explicam que a competição entre as organizações é um processo que gera o desequilíbrio, pela dinâmica competitiva em que as empresas estão em constante disputa para obter vantagem comparativa em recursos, para se posicionar em vantagem competitiva no mercado e atingir um desempenho econômico superior.

Essa é abordagem à competição estabelecida pela *R-A Theory* que foi desenvolvida por Hunt e Morgan (1995, 1996, 1997) com base em outras abordagens teóricas antecessoras entre elas a visão baseada em recursos (WERNERFELT, 1984; RUMELT, 1984; BARNEY, 1986; DIERICKX; COOL, 1989) nos fundamentos de marketing proposto por Alderson (1965), que desenvolveu a Teoria da demanda Heterogênea e a Teoria de Vantagem Diferencial. A junção dessas propostas teóricas, aliadas aos pressupostos da escola austríaca da Economia Evolucionária e da Economia Industrial (PORTER, 1980, 1985) e avaliando o processo de posicionamento das empresas nos mercados em que competem. Levaram Hunt e Morgan (1995) ao desenvolvimento de uma nova teoria para concorrência, que tem como propósito ser uma Teoria Geral da Competição (HUNT, 2012).

A *R-A Theory* mostra-se capaz de responder de forma mais completa as nuances da competição entre as empresas, por avaliar tanto os recursos internos das organizações, quanto os recursos externos (ROSSI; SILVA, 2009). Em se tratando de empresas do complexo agroindustrial, que é um segmento que envolve diversos setores e que as empresas competem em nível local e global, medir a sua competitividade é um trabalho complexo e, portanto, merece ser visto sob a abordagem de uma teoria que avalia as singularidades implícitas em um processo de concorrência.

Além do que estudar a competitividade de empresas agroindustriais torna-se importante, considerando a sua importância para a economia brasileira e mundial. Pois a agroindústria envolve diversas organizações, em vários setores e subsetores, promovendo o desenvolvimento econômico de diversos países. Pelas tendências na agroindústria de alimentos em todo o mundo, a competitividade agroindustrial se tornou uma agenda dos principais países (VAN DUREN, MARTIN E WESTGREN, 1991) e tema de interesse para a academia e para a imprensa (KENNEDY et al., 1997). Dessa forma, medir a competitividade das empresas se torna importante, para o segmento do agronegócio.

O interesse em medir a competitividade das empresas agroindustriais foi estabelecido no estudo de Van Duren, Martin e Westgren (1991) que buscaram analisar a competitividade do agronegócio em empresas canadenses e desenvolveram um referencial metodológico para a análise da competitividade, levando em consideração os elementos peculiares ao agronegócio. Para eles o que define a competitividade das empresas agroindustriais é a participação no mercado e os indicadores de rentabilidade. A visão sistêmica do segmento é caracterizada pelo modelo de Van Duren, Martin e Westgren (1991) em que a competição das empresas é afetada por fatores naturais e climáticos, sem possibilidade de controle, fatores quase controláveis como

condições de demanda e preços de produtos, fatores controlados pelos agentes externos (governo, órgãos de controle, entre outros) e os fatores internos, controláveis pela empresa como estratégia, produtos, tecnologia, ou seja, recursos.

Desta forma, a abordagem de Van Duren, Martin e Westgren (1991), para avaliação da competitividade do agronegócio, é absorvida plenamente pela *R-A Theory* (HUNT; MORGAN, 1995, 1996, 1997). Assim entende-se que tornar-se inerente o processo de estudar a competitividade das empresas agroindustriais por meio da *R-A Theory*.

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se quanto ao objetivo da pesquisa, como uma pesquisa descritiva, Para Cerro e Bervian (2002) uma pesquisa descritiva busca observar, registrar, analisar e correlacionar os fatos ou fenômenos sem alterá-los. Neste sentido, esta pesquisa busca analisar o nível da competitividade das empresas agroindustriais dos principais países produtores agrícolas em seus diferentes setores de atuação por meio da *R-A Theory*.

No que tange os procedimentos de pesquisa, este estudo caracteriza-se como documental, que investiga documentos e relatórios com o objetivo de descrever e comparar as tendências, as diferenças entre outras características estudadas (CERVO; BERVIAN, 2002). Assim, as variáveis utilizadas na pesquisa foram coletadas das demonstrações financeiras das empresas, por meio do sítio da *Thomson One Banker*, no período de 2009 a 2013.

Em relação à abordagem, a pesquisa caracteriza-se como sendo quantitativa. Neste tipo de abordagem, o pesquisador testa uma teoria, especificando hipóteses, coleta e analisa dados para apoiar ou refutar as hipóteses (CRESWELL, 2003). As pesquisas quantitativas, segundo Martins e Theóphilo (2009, p. 107), “[...] são aquelas em que os dados e as evidências coletados podem ser quantificados e mensurados”. A pesquisa quantitativa aplica alguma forma de análise estatística sobre os dados, com a meta de quantificar e generalizar os resultados da amostra para a população-alvo (MALHOTRA, 2004).

A escolha dos países (Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Rússia e Estados Unidos da América) foi intencional em que considerou os apontamentos do relatório no departamento de agricultura do Estados Unidos da América (USA), *the United States Department of Agriculture of America* (USDA, 2012), em que esses países se destacam como principais produtores de vários produtos agrícola.

A população da pesquisa compreendeu todas as empresas listadas na base de dados *Thomson ONE Banker* (Thomson, 2014), consideradas como empresas agroindustriais dos seis principais países produtores agrícolas, considerados neste estudo, no período de 2009 a 2013.

Para obtenção da lista de empresas e os setores das empresas utilizou-se os códigos para empresas agroindustriais americanas, *Standard Industrial Classification (SIC)*, de acordo com o estudo de Parrish, Couvillion e Allen (2001), que utilizaram essa mesma codificação para extrair dados de organizações do agronegócio, estabelecidas no Estado do Mississippi.

O critério para seleção da amostra foi a disponibilidade de dados das variáveis no período do estudo. Empresas que não continham todas as variáveis da pesquisa para os 5 anos de análise, foram descartadas, desta forma a amostra final consta com 406 empresas. Na tabela 1 apresenta-se o quantitativo de empresas por setor e país. Cabe ressaltar que algumas empresas atuam em mais de um setor, por isso a diferença entre o total de empresas 406 e total da amostra 408.

Tabela 1 – Amostra de empresas por países e setores

Países	Total Setores*						Amostra	%
	1	2	3	4	5			
ARGENTINA	4	2	4	0	0	10	2%	
AUSTRÁLIA	9	17	17	3	16	62	15%	

BRASIL	10	12	8	8	9	47	12%
CANADÁ	4	5	19	0	19	47	12%
RÚSSIA	0	2	2	0	3	7	2%
E. UNIDOS DA AMÉRICA	14	35	81	13	92	235	58%
Total	41	73	131	24	139	408	100%
^(*) 1 - Agricultura, pesca e serviços agrícolas; 2 - Insumos agrícolas; 3 – Processamento agrícola; 4 - Fibras naturais e têxteis; 5 - Comércio de alimentos.							

Fonte: Dados da pesquisa.

As variáveis de análise, descritas no Apêndice – A no final desse artigo, foram obtidas no banco de dados da *Thomson ONE Banker* (Thomson, 2014). Para a análise e classificação do nível da competitividade das empresas de acordo com a *R-A Theory* utilizou-se o método multicritério de decisão TOPSIS (*Technique for Order Preference by Similarity to Ideal Solution*) que mede o desempenho de ordens de variáveis múltiplas por similaridade para encontrar a solução ideal dos resultados.

O TOPSIS busca escolher a alternativa mais próxima da solução ideal positivo (PIS) e mais longe da solução ideal-negativa (NIS), para resolver um problema por múltiplos critérios de decisão (BENITEZ; MARTIN; ROMAN, 2007). De acordo com Bulgurcu (2012) o modelo considera a distância entre os dois extremos dos elementos para classificação. Dessa maneira a solução ideal deve ser a que manter uma distância mais longa entre a solução ideal negativa e mais próxima da solução ideal positiva (WU; TZENG; CHEN, 2009).

De acordo com Bulgurcu (2012) por meio de uma matriz original de dados que utilizam critérios de valor para cada alternativa, o TOPSIS transforma esta matriz em outra normalizada, e é composto pelas seguintes etapas.

Inicia com uma matriz de decisão composta por alternativas e critérios.

$$A = \begin{bmatrix} v_{11} & \dots & v_{1n} \\ \vdots & \ddots & \vdots \\ v_{m1} & \dots & v_{mn} \end{bmatrix} \quad (1)$$

Três passos são necessários para aplicar a técnica: Primeiramente, busca-se calcular as soluções ideais positivas A^+ (benefícios) e as soluções ideais negativas A^- (custos), como segue:

$$A^+ = (p_1^+, p_2^+, \dots, p_m^+) \quad (2)$$

$$A^- = (p_1^-, p_2^-, \dots, p_m^-) \quad (3)$$

Em que:

$$p_j^+ = \{ \text{Max}_i p_{ij}, j \in J_1; \text{Min}_i p_{ij}, j \in J_2 \} \quad (4)$$

$$p_j^- = \{ \text{Min}_i p_{ij}, j \in J_1; \text{Max}_i p_{ij}, j \in J_2 \} \quad (5)$$

Os resultados, J_1 e J_2 representam respectivamente o critério de benefício e custo.

Para realização do segundo passo é necessário o cálculo das distâncias euclidianas entre os benefícios, que deve ser feito utilizando a seguinte forma:

$$d^+ = \sqrt{\sum_{j=1}^n w_j (p_j^+ - p_{ij})^2} \quad (6)$$

$$d^- = \sqrt{\sum_{j=1}^n w_j (p_j^- - p_{ij})^2} \quad (7)$$

Com $i=1, \dots, m$ para d^+ e d^- .

Por fim, no terceiro passo do TOPSIS se calcula a proximidade relativa da seguinte forma:

$$\xi_i = \frac{d_i^-}{d_i^+ + d_i^-} \quad (8)$$

Após esses procedimentos a classificação é definida de forma que a empresa com proximidade maior da solução ideal é classificada em melhor posição e assim por diante. Para a classificação entre as dimensões de recursos, posicionamento no mercado e Desempenho Econômico fez-se da seguinte forma:

$$P_{(-)} = \text{média}_x - \frac{\text{desvpad}_x}{\sqrt{3}} < I < P_{(+)} = \text{média}_x + \frac{\text{desvpad}_x}{\sqrt{3}} \quad (9)$$

Em que:

$P_{(-)}$ = Posição inferior

$P_{(+)}$ = Posição superior

Média_x = valor médio dos valores da classificação TOPSIS

desvpad_x = Valor do desvio-padrão dos valores da classificação TOPSIS

I = Posição intermediária (Paridade).

Assim a classificação foi determinada de forma que, $P < I < P_+$.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados das empresas distribuídas nos cinco setores do segmento agroindustrial dos seis países pesquisados. É realizada a apresentação do Desempenho Econômico das empresas por país em cada setor, no período de 2009 a 2013, e uma comparação relativa foi feita.

A Tabela 2 apresenta os resultados da classificação do Desempenho Econômico do setor 1, Agricultura, Pesca e Serviços Agrícolas, é composto por 41 empresas. Nesse setor as empresas são em sua maioria fazendas e propriedades rurais que exploram a atividade agrícola, em que quatro empresas são argentinas (10%), nove australianas (22%), dez brasileiras (24%), quatro canadenses (10%) e quatorze estadunidenses (34%). No setor 1, não há nenhuma empresa russa.

Tabela 1 – Posicionamento do Desempenho Econômico das empresas do Setor 1

Setor 1 – Agricultura, Pesca e Serviços Agrícolas.											
Desempenho Econômico	País	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%	2013	%
Superior	Argentina	2	25%	2	25%	2	22%	2	20%	2	18%
	Austrália	1	13%	1	13%	1	11%	1	10%	2	18%
	Brasil	1	13%	1	13%	1	11%	2	20%	1	9%
	Canadá	0	0%	0	0%	0	0%	1	10%	1	9%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	4	50%	4	50%	5	56%	4	40%	5	45%
	Total	8	19,5%	8	19,5%	9	22%	10	24,4%	11	26,8%
Paridade	Argentina	2	9%	2	9%	2	8%	2	8%	2	9%
	Austrália	4	18%	5	22%	5	21%	6	25%	4	18%
	Brasil	6	27%	6	26%	7	29%	6	25%	6	27%
	Canadá	2	9%	3	13%	2	8%	2	8%	2	9%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	8	36%	7	30%	8	33%	8	33%	8	36%
	Total	22	53,7%	23	56,1%	24	58,5%	24	58,5%	22	53,7%
Inferior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	4	36%	3	30%	3	38%	3	43%	3	38%
	Brasil	3	27%	3	30%	2	25%	2	29%	3	38%
	Canadá	2	18%	1	10%	2	25%	1	14%	1	13%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	2	18%	3	30%	1	13%	1	14%	1	13%
	Total	11	26,8%	10	24,4%	8	19,5%	7	17,1%	8	19,5%
Total Setor 1	41	100%									

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se na Tabela 2 que as empresas que classificam com desempenho superior são 8 em 2009 e 2010, 9 em 2011, 10 em 2012 e 11 em 2013. O que representa um aumento pequeno, mas constante de empresas com desempenho superior, o que foi possível perceber também para as empresas que foram classificadas em posição paritária. Em que, há um aumento

de 2009 a 2012 de 22 para 24 empresas em paridade e em 2013, retorna a 22 empresas nessa situação. Em contrapartida, as empresas classificadas como inferior, passaram de 11 em 2009 para 10, 8, 7 e 8, em 2010 a 2013, respectivamente. Demonstrando que o setor tem ampliado o nível da concorrência e as empresas melhorando seus desempenhos.

Já em relação aos países, EUA e Argentina tem maior representatividade de empresas na posição de superior. Sendo que das 8 empresas nessa posição, 50% são estadunidenses e 25% são argentinas. Brasil e Austrália têm uma empresa de cada país nessa posição e o Canadá, nenhuma.

Por outro lado, Austrália e Brasil, concentram a maioria das empresas em posição inferior. Em todos os anos, ambos os países, juntos somaram de 60% ou mais, das empresas em situação inferior. Seguindo por Canadá e EUA. A Argentina não apresentou nenhuma empresa em situação de desempenho inferior nesse setor, em todos os períodos do estudo.

A classificação intermediária em que considera o Desempenho Econômico em situação paritária foi dominada pelas empresas estadunidenses e brasileiras, sendo esses dois países responsáveis por mais de 55% das empresas nessa classificação.

Considerando a distribuição das empresas de acordo com a classificação do desempenho competitivo, no setor 1, é possível afirmar que as empresas argentinas e estadunidenses são as mais competitivas, enquanto as empresas canadenses são as que apresentaram o desempenho menos competitivo do setor, no período em estudos. Empresas australianas e brasileiras tiveram um desempenho mais intermediário.

A seguir, na Tabela 3, apresentam-se os resultados da classificação do Desempenho Econômico do setor 2, das empresas que tem suas atividades operacionais referentes a insumos agrícolas, como: Serviços Agrícolas; Fertilizantes Químicos e Minerais; Química Agrícola; Máquinas e Equipamentos agrícolas; Corretores e Distribuidores de Contrato *Commodity*; empresa de conservação da terra e mineração. Regulamentação dos mercados agrícolas.

Nesse setor estão inseridas, 73 empresas, em que duas empresas são argentinas (3%), dezessete australianas (23%), doze brasileiras (16%), cinco canadenses (7%), duas russas (3%) e trinta e cinco estadunidenses (48%).

Tabela 3 – Posicionamento do Desempenho Econômico das empresas do Setor 2

Setor 2 - Insumos Agrícolas											
Desempenho Econômico	País	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%	2013	%
Superior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Brasil	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Canadá	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	4	100%	3	100%	4	100%	4	100%	4	100%
	Total	4	5,5%	3	4,1%	4	5,5%	4	5,5%	4	5,5%
Paridade	Argentina	2	4%	2	4%	2	4%	2	4%	2	3%
	Austrália	17	35%	17	35%	17	34%	17	34%	17	29%
	Brasil	12	24%	12	24%	12	24%	12	24%	12	21%
	Canadá	5	10%	5	10%	5	10%	5	10%	5	9%
	Rússia	2	4%	2	4%	2	4%	2	4%	2	3%
	USA	11	22%	11	22%	12	24%	12	24%	20	34%
	Total	49	67,1%	49	67,1%	50	68,5%	50	68,5%	58	79,5%
Inferior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Brasil	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Canadá	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	20	100%	21	100%	19	100%	19	100%	11	100%

	Total	20	27,4%	21	28,8%	19	26,0%	19	26,0%	11	15,1%
Total Setor 2		73	100%								

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 3, verifica-se que somente 4 empresas dos EUA atingiram Desempenho Econômico superior em todos os anos do estudo, não havendo alterações nessas classificações. Do lado oposto, também só empresas estadunidenses se posicionaram com desempenho inferior. Sendo que houve uma redução de 2009 e 2010, em que havia 21 empresas com desempenho inferior, passando para 19 em 2011 e 2012 e 11 em 2013.

As empresas argentinas, australianas, brasileiras, canadenses e russas foram todas classificadas com desempenho paritário, ou seja, a competição entre essas empresas ocorre em um nível intermediários nesse setor, já que as quatro empresas estadunidenses, dominam o setor de insumos agrícolas.

A seguir, na Tabela 4, apresentam-se os resultados da classificação do Desempenho Econômico do setor 3, das empresas que tem suas atividades operacionais referentes ao processamento agrícola, como: Processamento de Carnes; Laticínios; Conservas, Frutas e legumes congelados; Produtos de moinho de grãos; Produtos de padaria; Açúcar e Produtos de confeitaria; Gorduras e óleos; bebidas; Produtos Diversos de Alimentação e Afins; Processamento de tabaco; Curtimento de couro e acabamento.

O Setor 3 é o segundo maior em número de empresas da amostra, ao todo são 131 empresas, em que a maioria é empresas estadunidenses, (62%), ou seja, oitenta e uma empresa da amostra do setor. O restante do setor é composto por quatro empresas argentinas (3%), dezessete australianas (13%), oito brasileiras (6%), dezenove canadenses (15%) e duas empresas russas (2%).

Tabela 4 – Posicionamento do Desempenho Econômico das empresas do Setor 3

Setor 3 - Processamento Agrícola											
Desempenho Econômico	País	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%	2013	%
Superior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	2	6%	1	4%	1	5%	0	0%	2	7%
	Brasil	3	10%	3	11%	2	9%	3	12%	2	7%
	Canadá	4	13%	3	11%	2	9%	2	8%	3	11%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	22	71%	21	75%	17	77%	21	81%	21	75%
	Total		31	23,7%	28	21,4%	22	16,8%	26	19,8%	28
Paridade	Argentina	3	4%	4	5%	4	5%	3	4%	2	3%
	Austrália	14	18%	10	13%	11	13%	12	15%	7	9%
	Brasil	3	4%	4	5%	4	5%	3	4%	3	4%
	Canadá	9	12%	15	19%	14	17%	13	16%	14	19%
	Rússia	2	3%	2	3%	2	2%	2	3%	1	1%
	USA	46	60%	42	55%	49	58%	47	59%	47	64%
	Total		77	58,8%	77	58,8%	84	64,1%	80	61,1%	74
Inferior	Argentina	1	4%	0	0%	0	0%	1	4%	2	7%
	Austrália	1	4%	6	23%	5	20%	5	20%	8	28%
	Brasil	2	9%	1	4%	2	8%	2	8%	3	10%
	Canadá	6	26%	1	4%	3	12%	4	16%	2	7%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	3%
	USA	13	57%	18	69%	15	60%	13	52%	13	45%
	Total		23	17,6%	26	19,8%	25	19,1%	25	19,1%	29
Total Setor 3		131	100%	131	100%	131	100%	131	100%	131	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 4 revela que das 131 empresas que compõe o setor 3, 23,7%, 21,4%, 16,8%, 19,4% e 21,4%, no período de 2009 a 2013, respectivamente, foram classificadas com Desempenho Econômico superior a suas concorrentes. Sendo que dessas, em torno de 1/3 das

empresas estadunidenses atingiram Desempenho Econômico superior, ou seja, das 62 empresas dos Estados Unidos da América, 22 empresas em 2009, 21 em 2010, 2012, 2013 e 17 em 2011, foram classificadas com desempenho superior. O que faz com que as empresas estadunidenses em condições de Desempenho Econômico superior representem 71% em 2009, 75% em 2010, 77% em 2011, 81% em 2012 e 75% em 2013. Enquanto, empresas de Austrália, Brasil e Canadá, mantiveram de 1 a 4 empresas com desempenho superior em todo período.

Condição semelhante pode ser percebida na posição de desempenho em paridade, onde as empresas estadunidenses representam a maioria em todo o período estudado, sendo que nessa posição todos os países são representados. Em que Canadá apresentou a segunda força, em empresas classificadas com desempenho paritário, as empresas australianas compõem a terceira força seguidos de Brasil, Argentina e Rússia.

Na situação inferior, tal como as classificações anteriores do setor 3, as empresas estadunidenses são as que representam a maioria, seguidas das empresas australianas, canadenses, brasileiras, argentinas e russas, nessa ordem. Percebe-se que no período do estudo houve um pequeno aumento da quantidade de empresas em situação de desempenho inferior passando de 23 para 26, 25, 25 e 29 de 2009 para 2013 respectivamente.

Nesse setor 3 de processamento agrícola percebe-se que a concorrência é equilibrada entre os países, proporcionalmente ao número de empresas de cada país no setor, com um pequeno domínio das empresas Estadunidenses, que são a maioria no setor e maioria nas 3 posições de desempenho competitivo. Contudo as empresas argentinas e russas apresentaram não competir em desempenho superior, pois nenhuma empresa foi classificada nessa situação.

A seguir na Tabela 5, é descrito os resultados da competitividade as empresas do setor 4, Fibras Têxteis no período de 2009 a 2013, nesse setor atuam as empresas que operam principalmente com tecelagem de tecidos de algodão, na tecelagem de tapetes e carpete, acabamentos de tecidos de algodão, entre outros.

Nesse setor 4, a amostra foi composta por 24 empresas, mas somente três países apresentaram empresas nesse setor com dados para análise, de forma que a amostra é representada por três empresas australianas (13%), oito brasileiras (33%) e treze estadunidenses (54%).

Tabela 5 – Posicionamento do Desempenho Econômico das empresas do Setor 4

Setor 4 - Fibras Têxteis											
Desempenho Econômico	País	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%	2013	%
Superior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	1	25%	2	25%	2	29%	2	29%	2	29%
	Brasil	2	50%	2	25%	2	29%	3	43%	2	29%
	Canadá	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	1	25%	4	50%	3	43%	2	29%	3	43%
	Total	4	16,7%	8	33,3%	7	29,2%	7	29,2%	7	29,2%
Paridade	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	2	14%	1	13%	1	8%	1	9%	1	10%
	Brasil	3	21%	3	38%	2	17%	1	9%	2	20%
	Canadá	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	9	64%	4	50%	9	75%	9	82%	7	70%
Total	14	58,3%	8	33,3%	12	50,0%	11	45,8%	10	41,7%	
Inferior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Brasil	3	50%	3	38%	4	80%	4	67%	4	57%
	Canadá	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%

	USA	3	50%	5	63%	1	20%	2	33%	3	43%
	Total	6	25,0%	8	33,3%	5	20,8%	6	25,0%	7	29,2%
Total Setor 4		24	100%								

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se percebe na Tabela 5, das 24 empresas do setor a maioria se posiciona em paridade. Em desempenho superior e inferior há um equilíbrio entre as empresas. Empresas australianas e brasileiras mantiveram duas empresas em posição superior, com exceção de 2009 que só uma empresa australiana foi posicionada com o superior e 2012 que três empresas brasileiras atingiram o melhor desempenho. As empresas estadunidenses atingiram o desempenho superior, com uma empresa em 2009, 4 em 2010, 3 em 2011, 2 em 2012 e três em 2013.

Em situação de paridade há uma diminuição do número de empresas nessa situação de 2009, 14 empresas para 2013, 10 empresas, em que a maioria são empresas estadunidenses, seguido das empresas brasileira e por fim as australianas.

As empresas australianas não foram classificadas com desempenho inferior, enquanto as estadunidenses e brasileiras dividiram essa classificação, sendo que as brasileiras foram maioria em 2011, 2012 e 2013, em que 4 empresas tiveram um desempenho ruim. Já as estadunidenses foram maioria, somente em 2010, com 5 empresas, em 2009 ambos os países tiveram o mesmo número de empresas, três cada um.

Nesse setor de fibras têxteis, percebe-se uma situação equilibrada da competição, em que a maioria das empresas são dos Estados Unidos e conseqüentemente, são maioria nos três níveis de classificação. Entretanto, há uma distribuição proporcional nas posições competitivas.

Em seguida na Tabela 21, apresenta o posicionamento do Desempenho Econômico das empresas do setor 5, que corresponde aquele em que as empresas atuam no comércio de alimentos por atacado ou varejo. Esse é o maior setor da amostra com 139 empresas, correspondente a 34% das 406 empresas pesquisadas. A amostra não apresenta empresas argentinas, enquanto as australianas, correspondem a 12% do setor, com 16 empresa, as brasileiras são 6%, 9 empresas, 19 canadenses (14%), 3 russas (2%) e 92 estadunidenses (66%).

Tabela 6 – Posicionamento do Desempenho Econômico das empresas do Setor 5

Setor 5 - Comércio de Alimentos Atacado e Varejo											
Desempenho Econômico	País	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%	2013	%
Superior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	1	3%	1	4%	3	12%	2	7%	0	0%
	Brasil	3	10%	2	8%	2	8%	2	7%	2	9%
	Canadá	5	16%	3	12%	4	16%	5	18%	4	17%
	Rússia	1	3%	1	4%	2	8%	1	4%	1	4%
	USA	21	68%	18	72%	14	56%	18	64%	16	70%
	Total	31	22,3%	25	18,0%	25	18,0%	28	20,1%	23	16,5%
Paridade	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	13	15%	15	16%	12	13%	13	14%	16	16%
	Brasil	5	6%	7	7%	7	7%	7	8%	6	6%
	Canadá	12	14%	13	14%	14	15%	13	14%	13	13%
	Rússia	2	2%	2	2%	1	1%	2	2%	2	2%
	USA	56	64%	58	61%	60	64%	56	62%	61	62%
	Total	88	63,3%	95	68,3%	94	67,6%	91	65,5%	98	70,5%
Inferior	Argentina	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	Austrália	2	10%	0	0%	1	5%	1	5%	0	0%
	Brasil	1	5%	0	0%	0	0%	0	0%	1	6%
	Canadá	2	10%	3	16%	1	5%	1	5%	2	11%
	Rússia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
	USA	15	75%	16	84%	18	90%	18	90%	15	83%
	Total	20	14,4%	19	13,7%	20	14,4%	20	14,4%	18	12,9%

Total Setor 5	139	100%								
----------------------	------------	-------------	------------	-------------	------------	-------------	------------	-------------	------------	-------------

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 6 revela que 31 empresas atingiram desempenho superior em 2009, 25 em 2010 e 2011, 28 em 2012 e 23 em 2013, sendo que desta as empresas estadunidenses foram maioria respondendo por 68%, 72%, 56%, 64% e 70% no período de 2009 a 2013, no entorno da representatividade de empresas no setor 66%. Austrália, Brasil, Canadá e Rússia responderam pelo restante das empresas com desempenho superior, em que as empresas canadenses atingiram o desempenho superior em maior quantidade, representando uma segunda força no setor.

Na posição de paridade, também se observa que as empresas estadunidenses respondem pela maioria, também ao entorno da representatividade das empresas no setor 66%. As empresas dos Estados Unidos representaram, 64% em 2009, 61% em 2010, 64% em 2011, 62% em 2012 e 2013, em situação de paridade. As empresas australianas se posicionaram na situação de paridade, de forma a representar 15%, 16%, 13%, 14% e 16% no período de 2009 a 2013, respectivamente. Também essas relações estão próximas com o número de empresas australianas no setor (12%). Bem como as canadenses que se posicionaram em paridade, de 13% a 15% das empresas, no entorno do número de empresas no setor 14%. O que ocorreu para empresas brasileiras e russas que se posicionaram em paridade próximo a relação de empresas no setor, entretanto, proporcionalmente um pouco acima.

Já em situação de desempenho inferior, as empresas estadunidenses apresentaram os piores resultados, pois representaram 75%, 84%, 90%, 90% e 83% das empresas em posição inferior de desempenho, no período de 2009 a 2013 respectivamente.

Canadá e Austrália praticamente completam o posicionamento das empresas em desempenho inferior, já que Rússia não apresentou nenhuma empresa em situação de desempenho inferior no setor 5 e, somente uma empresa brasileira teve um mau desempenho em 2009, mas nos outros anos não houve empresas do Brasil classificadas com desempenho inferior.

Desta forma, é possível afirmar que as empresas brasileiras, apesar de não representar um número expressivo de empresas no setor (6%), elas são competitivas, por apresentarem um posicionamento ou em paridade competitiva ou com desempenho superior. Assim como as poucas empresas russas que se posicionaram em desempenho superior ou paridade. Quanto as empresas dos outros países, que apresentaram representatividade maior no setor, o desempenho foi equilibrado e basicamente próximo a participação proporcional de empresas no setor.

Observou-se em todos os setores e países avaliados que a competição é dinâmica, como descrito pela *R-A Theory* e desequilibrante, em que o desempenho é heterogêneo e pode ocorrer de forma diferente de um setor para outro (HUNT; MORGAN, 1995, 1996, 1997; HUNT, 2000, HUNT, 2012).

5 CONCLUSÃO

Este estudo apresentou como objetivo, analisar o nível da competitividade das empresas agroindustriais dos principais países produtores agrícolas em seus diferentes setores de atuação por meio da *R-A Theory*. A pesquisa foi descritiva, por meio de estudo documental, nos relatórios contábeis de 406 empresas agroindustriais de seis países, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá Rússia e Estados Unidos, em cinco grandes setores econômicos do agronegócio. A abordagem da pesquisa foi quantitativa, por meio de análise multicritério do modelo TOPSIS.

Foi estruturada uma classificação de acordo com o país e setores de atuação das empresas. Observou-se pelos resultados por setores e país que a competição é dinâmica, pois há uma alternância nas posições ano a ano, e desequilibrante, pois empresas que em um ano estão em uma posição no ano seguinte podem estar em outra posição, como descrito pela *R-A Theory* (HUNT E MORGAN, 1995, 1996). As empresas não conseguem manter o desempenho

de um ano para o outro, pois suas concorrentes, melhoram as estratégias e a gestão de recursos e assim melhoram seus desempenhos. Em que demonstrou que o nível de competição entre as empresas estudadas é dinâmico e desequilibrante, pois as empresas modificam suas posições competitivas de ano para outro e de um setor para outro de atuação. Que os recursos são heterogêneos, assim como o desempenho econômico. Que o desempenho econômico sinaliza os investimentos em recursos e esses sinalizam o posicionamento no mercado das empresas do agronegócio.

Como a pesquisa foi desenvolvida com o estudo de diversos países e esse fator pode ser limitante em relação das informações contábeis, base para seleção dos dados, podem ser diferentes de um país para outro, devido as legislações e normas contábeis, fiscais e tributárias que são próprias para cada país. Assim, recomenda-se que pesquisa futuras possam ser desenvolvidas por país e assim aprofundar nessas questões, principalmente de políticas públicas que impactam as economias das empresas.

Os métodos utilizados para análise podem ter trazido viés de pesquisas e, portanto, a utilização de outros métodos de análise, se aplicados poderão explicar os nuances da competitividade das organizações de forma diferente. Outro fator limitante apontado no estudo, é o fato da amostra ser de empresas que compõem diversos setores, pois essa era a proposta de avaliar as nuances da *R-A Theory* em que trata de competição de empresas em setores distintos. Porém, isso limitou-se a capacidade de avaliação do setor como um todo, pois nem todas as empresas dos setores foram estudadas, mas, sim aquelas que apresentaram dados para o período em estudo. Desta maneira, recomenda-se que outras pesquisas possam ser realizadas, estudando setores específicos e aprofundando de forma qualitativa na análise da competitividade desses setores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDERSON, W. **Dynamic marketing behavior**: a functionalist theory of marketing. Homewood: Richard D. Irwin, 1965. 383 p.

ALMEIDA, J.E.F. de. **Qualidade da informação contábil em ambientes competitivos**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) - Programa de Pós- Graduação em Ciências Contábeis, Departamento de Contabilidade e Atuária, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ASSAF NETO, A. **Finanças Corporativas e Valor**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 400 p.

BAIN, J. S. **Barriers to new competition**. Cambridge: Harvard University Press, 1956. 329 p.

BARNEY, J. B. Organizational culture: can it be a source of sustained competitive advantage? **The Academy of Management Review**. v. 11, n. 3, p. 656-665, 1986.

BARNEY, J. B.; HESTERLY, W. S. **Administração estratégica e vantagem competitiva**. Pearson Prentice Hall, 2010.

BENITEZ, J. M.; MARTÍN, J. C.; ROMÁN, C. Using fuzzy number for measuring quality of service in the hotel industry. **Tourism management**, v. 28, n. 2, p. 544-555, 2007. BENITEZ; MARTIN; ROMAN, 2007.

BHARADWAJ, A. S. A perspective based on the information technology resources and company performance capacity: an empirical investigation. **MIS Quart.** v. 24, n. 1, p. 169-196, 2000.

BRIGHAM, E. F.; EHRHARDT, M. C. **Administração financeira**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2006, 1.044 p.

- BULGURCU, B. K. Application of TOPSIS technique for financial performance evaluation of technology firms in Istanbul stock exchange market. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 62, p. 1033-1040, 2012.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHANDRASEKHAR, S. **Hydrodynamic and hydromagnetic stability**. Courier Dover Publications, 2013.
- CLEGG, S. R.; HARDY, C; NORD, W. R.; CALDAS, M. FACHIN, R. FISCHER, T. *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2004.
- CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative & quantitative approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2003. 248 p.
- DAMODARAN, A. **Finanças corporativas: teoria e prática**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- DAMODARAN, A., Return on Capital (ROC), Return on Invested Capital (ROIC) and Return on Equity (ROE): Measurement and Implications. 2007. Disponível em: Available at SSRN: <http://ssrn.com/abstract=1105499> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1105499>. Acesso em: 20 out. 2014.
- DEHNING, B.; STRATOPOULOS, T. DuPont analysis of an IT-enabled competitive advantage. **International Journal of Accounting Information Systems**, v. 3, n. 3, p. 165-176, 2002.
- DEITZ, G. D. **A resource-advantage model of firm value creation: taxonomy of strategic approaches within the prepackaged software industry, 1998-2004**. Tuscaloosa: 2005. 249 f. Dissertation (Doctorate of Philosophy) - Department of Marketing in the Graduate School of the University of Alabama, Alabama, 2005.
- DIERICKX, I.; COOL, K. Asset stock accumulation and sustainability of competitive advantage. **Management Science**, v. 35, n. 12, p. 1504-1511, december 1989.
- DOMINIC, T; THEUVSEN, L. **The impact of external and internal factors on strategic management practices of agribusiness firms in Tanzania**. Global Food Discussion Papers, 2015
- FAMÁ, R.; BARROS, L. A. B. Q de Tobin e seu uso em finanças: aspectos metodológicos e conceituais. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v.7, n.4, out/dez 2000.
- GUILDING, C. Competitor-focused accounting: an exploratory note. **Accounting Organizations and Society**, v. 24, n. 7, p. 583-595, 1999.
- HU, Y.-C.; ANSELL, J. Measuring retail company performance using credit scoring techniques. **European Journal of Operational Research**, v.183 p. 1595–1606, 2007.
- HU, Y.-C.; ANSELL, J. Using Sequential Minimal Optimization Technique. *Journal of Forecasting*. v. 28, p. 651–666, 2009.
- HUNT, S. B. The evolution of resource-advantage theory: Six events, six realizations, six contributions. **Journal of Historical Research in Marketing**, v. 4, n. 1, p. 7-29, 2012.
- HUNT, S. D. A general theory of competition: issues, answers and an invitation. **European Journal of Marketing**, v. 35, n. 5/6, p. 524-548, June 2001.
- HUNT, S. D. **A general theory of competition: resources, competences, productivity and economic growth**. Thousand Oaks: Sage, 2000. 303 p.
- HUNT, S. D.; MORGAN, R. M. Resource-advantage theory: a snake swallowing its tail or a general theory of competition? **Journal of Marketing**, v. 61, n. 4, p. 74-82, october 1997.
- HUNT, S. D.; MORGAN, R. M. The resource-advantage theory of competition: dynamics, path dependencies, and evolutionary dimensions. **Journal of Marketing**, v. 60, n. 4, p. 107-114, october 1996.

- HUNT, S. D.; MORGAN, R. M. The comparative advantage theory of competition. **Journal of Marketing**, v. 59, n. 2, p. 1-14, april 1995.
- KAYO, E. K.; FAMÁ, R. A estrutura de capital e o risco das empresas tangível-intensivas e intangível-intensivas. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 39, n. 2, 2004.
- KENNEDY, P. L.; HARRISON, R. W.; KALAITZANDONAKES, N. G.; PETERSON, H. C.; RINDFUSS, R. P. Perspectives on evaluating competitiveness in agribusiness industries. **Agribusiness**, v. 13, n. 4, p. 385-392, 1997.
- LEV, B. **Intangibles: management, measurement, and reporting**. Washington: Brookings Institution Press, 2001.
- LUCINTEL, Publisher Sample. Global Agro-Food Products Industry 2013-2018: Trend, Profit, and Forecast Analysis. <http://www.marketresearch.com/Lucintel-v2747>. Acesso em: Abril 2014.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2004.
- MARTINS, G. de A. e THEÓPHILO, C. R. Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas. São Paulo: Ed. Atlas, 2010.
- MASON, E. S. Price and production policies of large scale enterprises. **American Economic Review**, v. 29, n. 1, p. 61-74, March 1939.
- MENDES, J. T. G. **Economia agrícola**. Curitiba: Editora ZNT Ltda. 1998. 458 p.
- NEELY, A. **Measuring business performance**. London. The Economist Books, 1998. 224 p.
- PARRISH, D. R.; COUVILLION, W. C.; ALLEN, A. J. spatial inventory of Mississippi's agribusiness infrastructure. 2001.
- PORTER, M. E. **Competitive advantage**. Free Press: New York, 1985. 557 p.
- PORTER, M. E. **Competitive strategy**. New York; Free Press, 1980. 396 p.
- RODRIGUES SOBRINHO, W. B. et al. A Competição do Mercado, Impacto nos Componentes do Lucro Contábil e no Retorno das Ações. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 4, n. 2, p. 54-72, 2014.
- ROSSI, R. M.; SILVA, A. L. Vantagem competitiva: operacionalizando o conceito a partir da Resource-Advantagetheory. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 8, n. 2, p. 31-57, 2009.
- ROSSI, R. M.; MAFUD, M. D. Resource-advantage theory: uma revisão da literatura. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 8, n. 2, p. 35-54, 2014.
- RUMELT, R. P. Towards a strategic theory of the firm. In: LAMB, R. B. (ed.). **Competitive strategic management**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984. p. 556-570.
- THOMSON. Thomson One Banker. 2014. Disponível em: <http://banker.thomson.com> Acesso em: Jul.2014.
- THORNE, F. S. Analysis of the competitiveness of cereal production in Select ed eu countries. In: **11th EAAE Congress, Copenhagen, Denmark**. 2005. p. 24-27.
- USDA (US DEPARTMENT OF AGRICULTURE). USDA agricultural projections to 2021. 2012.
- VAN DUREN E.; MARTIN L.; WESTGREN R. E. Agribusiness competitiveness in the 1990's discussion. **American Journal of Agricultural Economics**, December 1991.
- VILLALONGA, B. Intangible resources, Tobin's q, and sustainability of performance differences. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 54, n. 2, p. 205-230, 2004.
- VOULGARIS, F; LEMONAKIS, C. Competitiveness and profitability: The case of chemicals, pharmaceuticals and plastics. **The Journal of Economic Asymmetries**, v. 11, p. 46-57, 2014.

WANG, C. How relational capital mediates the effect of corporate reputation on competitive advantage: Evidence from Taiwan high-tech industry. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 82, February. p. 167-176. 2014.

WERNERFELT, B. A resource-based view of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 5, n.2, p. 171-180, April/June 1984.

WESTON, J. F; BRIGHAM, E. F. **Fundamentos da administração financeira**. 2000.

WU, H-Y.; TZENG, G-H.; CHEN, Y-H. A fuzzy MCDM approach for evaluating banking performance based on balanced scorecard. **Expert Systems With Applications**, v. 36, p. 10135-10147, 2009.

YOUNG, D; O'BYRNE S. F. **EVA and value-based management: a practical guide to implementation**, McGraw-Hill. 2000. 493 p.

APÊNDICE - A

Quadro 1 – Constructo da pesquisa

Dimensão	Variáveis	Sub Variáveis	Como medir	Referencial teórico
Recursos Tangíveis	Recurso Financeiro (RFin)	Fluxo de Caixa Operacional (FCO)	$CO = LOP + DñM - VP$	Assaf Neto (2001); Damodaran (2007); Hu e Ansell (2007, 2009)
		Índices de liquidez (IL)	$ILC = \frac{AC}{PC}$	Weston e Brigham (2000) Brigham e Ehrhardt (2006) Hu e Ansell (2007, 2009)
	$ILS = \frac{AC - E_{estoque}}{PC}$		Weston e Brigham (2000); Deitz (2005); Brigham e Ehrhardt (2006) Hu e Ansell (2007, 2009); Barney e Hesterly (2010)	
	Recurso Físico (RFis)	Tangibilidade (Tang)	$PI_{mob} = \frac{(I_{mob} - D_{ep})}{AT}$	Weston e Brigham (2000); Brigham e Ehrhardt (2006); Hu e Ansell (2007, 2009)
		Participação do Inventário (Plnv)	$PI_{inv} = \frac{E_{estoque}}{AT}$	Hu e Ansell (2007)
	Recurso Organizacional (ROrg)	Giro do Ativo (GA)	$GA = \frac{V_{endas}}{AT}$	Weston e Brigham (2000); Brigham e Ehrhardt (2006); Hu e Ansell (2007, 2009); Barney e Hesterly (2010)
		Giro do Imobilizado (GI _{mob})	$GI_{mob} = \frac{V_{endas}}{AI_{mob}}$	Weston e Brigham (2000); Brigham e Ehrhardt (2006); Hu e Ansell (2007, 2009)
	Recurso Informativo (RInf)	Concentração de Mercado (CMerc)	$IHH = \sum_{i=1}^n (MS_i)^2$	Mendes (1998); Almeida (2010); Rodrigues Sobrinho et al. (2014)
	Recurso Relacional (RRel)	Giro do estoque (GE)	$GE = \frac{CMV}{E_{estoque}}$	Weston e Brigham (2000); Brigham e Ehrhardt (2006); Hu e Ansell (2007, 2009)
		Volume de Negócios com fornecedores (VNF)	$VNF_{orn} = \frac{CP}{EF + CMV - EI}$	Weston e Brigham (2000); Brigham e Ehrhardt (2006); Hu e Ansell (2007, 2009) Barney e Hesterly (2010) Wang (2014)
Volume de negócios a receber (VNR)		$VNR_{ec} = \frac{CR}{V_{endas}}$	Hu e Ansell (2007, 2009); Barney e Hesterly (2010); Wang (2014)	
Recursos Intangíveis	Valor de Mercado (VMer)	Q Tobin (QT)	$QT = \frac{VMA + VD}{AT}$	Deitz (2005) Wernerfelt e Montgomery (1988) Vilalonga (2004)
	Intangibilidade e (Int)	Grau de Intangibilidade (GI)	$GI = \frac{VMA}{PL}$	Lev (2001) Nascimento et al. (2010) Kayo e Famá (2004) Machado e Famá (2011)
Posição de Mercado	Criação de Valor em Custos (CrVaCus)	Custos de Produtos Vendidos (CPV)	$CMV = LN(CMV)$	Porter (1985) Hunt (1995) Guilding (1999) Hudson (2001) Barney e Hesterly (2010)
		Índice de Custos no segmento (ICS)	$ICS = \frac{(Custo_i - Custo_{min_{xi}})}{(Custo_{máx_{xi}} - Custo_{min_{xi}})}$	Adaptado de Porter (1985) e Hunt (1995) Guilding (1999) Hudson (2001) Barney e Hesterly (2010)
	Criação de Valor em Vendas (CrVaVen)	Vendas Total (VT)	$V_{endas} = LN(V_{endas})$	Bharadwaj (2000), Hudson (2001) Barney e Hesterly (2010)
Índice de Vendas no segmento (IVS)		$IVS = \frac{(V_{endas}_i - V_{endas}_{min_{xi}})}{(V_{endas}_{máx_{xi}} - V_{endas}_{min_{xi}})}$	Porter (1985) e Hunt (1995) Barney e Hesterly (2010) Hudson (2001)	
Desempenho econômico	Retorno do capital (RetCap)	Retorno sobre Investimento (ROI)	$ROI = \frac{LOP}{AT - PL}$	Hu e Ansell (2007) Damodaran (2007) Assaf Neto (2010)
		Retorno sobre Investimento dos Acionistas (ROE)	$ROE = \frac{LL}{PL}$	Hu e Ansell (2007) Damodaran (2007) Assaf Neto (2010) Barney e Hesterly (2010)
		Retorno sobre Ativo (ROA)	$ROA = \frac{LL}{AT}$	Christensen e Montgomery (1981); Young e O'Byrner (2003); Dehning e Stratopoulos (2002); Deitz (2005); Ehrhardt e Brigham (2006); Damodaran (2007)
	Margem de lucro (Mluc)	Margem Operacional (MO)	$MO = \frac{LOP}{V_{endas}}$	Hu e Ansell (2007) Assaf Neto (2010)
		Margem Líquida (ML)	$ML = \frac{LL}{V_{endas}}$	Hu e Ansell (2007) Assaf Neto (2010)

Fonte: Elaborado pelos autores